

**Ex-combatente historiador:
reflexões antigas e contemporâneas¹**

***Ex-Combatant and Historian:
Ancient and Contemporary Reflections***

Breno Battistin Sebastiani

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo / Brasil

sebastiani@usp.br

Resumo: Tucídides e Políbio têm em comum o fato de serem ex-combatentes que, em decorrência do fracasso, foram obrigados a se exilar e, durante tal intervalo, optaram por escrever história, o que seria um modo, mesmo que indireto, de agir politicamente. O texto discute pressupostos historiográficos de cada historiador que indicam como sua experiência político-militar prévia contribuiu para com a respectiva escrita da história, e sugere como as contribuições de cada um podem ainda ser úteis para atuais reflexões historiográficas – especificamente, para a discussão sobre as porosidades entre ficção e historiografia.

Palavras-chave: Tucídides; Políbio; fracasso; historiografia antiga; ficção.

Abstract: Both Thucydides and Polybius were ex-combatants who chose to write history as a consequence of their exiles. Their option was a political attitude, albeit indirect. This text discusses the historiographical presuppositions of each historian in order to show how their political and military experiences contributed to the way they wrote their texts. At the same time, it tries to suggest how each contribution can still be helpful to contemporary historiographical reflections, chiefly to discussions about the porosities between fiction and historiography.

Keywords: Thucydides; Polybius; failure; ancient historiography; fiction.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil. Agradeço as leituras atentas e as críticas dos pareceristas.

1

Entre Tucídides (c.460–399 a.C.) e Políbio (c.200–118 a.C.) há um ponto comum, exterior aos textos de ambos, que é fundamental para a compreensão dos modos de narrar de cada um: ambos foram ex-combatentes que, em decorrência de fracassos político-militares, tiveram de se exilar e, durante o período de exílio, optaram por escrever história, o que seria um modo, embora indireto, de agir politicamente.² Tucídides permaneceu exilado de Atenas por vinte anos após a derrota para Brásidas em Anfípolis em 424/3 a.C.³ e, ao que se sabe, nunca mais interveio politicamente de modo direto. Políbio, por sua vez, passou dezessete anos em Roma sob custódia (167-150 a.C.) mas depois, respaldado pelos dirigentes da potência mediterrânea, foi encarregado de reorganizar a *Graecia capta*.⁴

O problema do exílio, bem como a iniciativa de escrever história em decorrência dele, é fundamental precisamente porque fortuito e pleno de consequências férteis para ambos os ex-combatentes. Afastar-se da prática política não significou, porém, afastar-se definitivamente da política. Tucídides e Políbio não foram historiadores de ofício, mas ex-combatentes que fizeram da escrita da história antes de tudo um meio de esclarecimento dos próprios atos e circunstâncias. A escolha por esclarecer-se investigando acontecimentos e instituições da pólis própria ou alheia, e deixando registro escrito da meditação elaborada, foi o meio com que mantiveram ao menos os olhos no horizonte político então contemporâneo. Escrever história seria o sucedâneo, teórico e indireto, à atuação política direta escolhido e elaborado por homens impedidos de exercer funções políticas em suas respectivas pátrias. Uma vez decididos a escrever, fizeram-no até o fim de suas vidas, como sugerem as menções

² Além de comandantes militares, Tucídides e Políbio foram agentes políticos ativos em seus próprios contextos. Daí a designação de ex-combatente, que cobre ambos os campos e reforça o engajamento permanente de ambos enquanto puderam desempenhá-lo. Reitero minha gratidão à Profa. Dra. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, a cuja argúcia devo tal percepção.

³ THUCYDIDIS. *Historiae*, 4, 104-107. Doravante todas as citações de textos clássicos seguirão esse padrão: título do livro, seguido de (intervalo de) capítulo(s), seguido(s) de alínea(s).

⁴ POLYBIUS. *Historiae*, 39.2-6.

a Arquelau, rei da Macedônia de 413 a 399 a.C.,⁵ e à Via Domitia, aberta pelos romanos em 118 a.C.⁶

Para ambos, escrever história não apenas preencheu ativamente o tempo de exílio, como foi uma atividade que se configurou pouco a pouco, a partir dos enfrentamentos, negociações, compreensão ou mesmo colaboração com o adversário vencedor. Em diversos passos de ambas as narrativas é possível depreender como que distintas gradações de tais processos, os quais coincidentemente apresentam diversos pontos comuns a ambos os historiadores. E conforme evidenciam pontos capitais para as reflexões propriamente historiográficas de ambos, tais passos também indiciam uma preocupação maior que os norteia e sistematiza: a de construir paradigmas de reflexão sobre o passado para futuros escritores de história.⁷ No caso, um paradigma de como o fracasso é, ao mesmo tempo, condição fundamental e unificadora da escrita da história, ou ao menos de boa parte da historiografia antiga.⁸

Este texto tem por objetivo apresentar tais passos, discutir os pressupostos historiográficos de cada historiador neles presentes, indicando como a experiência político-militar prévia de ambos contribuiu para com a respectiva escrita da história, e sugerir como as contribuições de cada um podem ainda ser úteis para atuais reflexões historiográficas – especificamente, para a discussão sobre as porosidades entre ficção e historiografia. A abordagem comparativa e contrastiva fomenta o diálogo entre escrita da história e construção da ficção, ressaltando de ambas os viés literário que lhes é inerente. “A verdade é questão de linguagem, mas a linguagem, ao fim e ao cabo, é questão de o que fazemos”.⁹ Dentre diversas sugestões promissoras que enformam o capítulo no qual discute distintas possibilidades de trabalho com a ficção e suas relações com o

⁵ THUCYDIDIS. *Historiae*, 2.100.2.

⁶ POLYBIUS. *Historiae*, 3.39.8.

⁷ Confirma a discussão de NICOLAZZI. A história entre tempos: François Hartog e a conjuntura historiográfica contemporânea, p. 251-257, sobre a noção de “regime de historicidade” proposta por F. Hartog.

⁸ Viés de leitura praticamente ignorado, ou tão somente tangenciado, pela crítica especializada contemporânea. O foco de tais leituras sempre se concentra ou em questões de metodologia historiográfica, ou de teoria política. Dois exemplos recentes: LEE; MORLEY. *A Handbook to the Reception of Thucydides*; GIBSON; HARRISON. *Polybius and His World: Essays in Memory of F. W. Walbank*.

⁹ EAGLETON. *The Event of Literature*, p. 158-159.

real, T. Eagleton pensa a ficção não como reflexo ou parasita do real, nem como suposto preenchimento de um *gap* entre realidade e linguagem, mas como prática social e crítica, de direito próprio, autodeterminada em nossa natureza humana comum e autofundante, capaz de inscrever a utopia na atualidade do próprio contexto histórico.¹⁰ É no âmbito desse mesmo entendimento – pensando verdade e ficção como metalinguagens reais ou simuladas, como práticas sociais partilháveis, transformadoras e autonomizantes, e não como categorias ontológicas estanques e inconciliáveis a ser catalogadas – que o restante do texto pensa o diálogo entre uma e outra tal qual apresentado por cada historiador.

Se não é propriamente inédita a abordagem comparativa e contrastiva que compreende as narrativas de Tucídides e de Políbio, a discussão proposta por este texto se distancia, entretanto, das já tradicionais análises narratológicas específicas, como as de T. Rood e N. Miltsios, e também dos paralelismos filológicos algo excessivos buscados por G. Longley.¹¹ Conforme será destacado na seção 4 abaixo, o problema peculiar ora em questão é o do *modo* como cada historiador transformou realidade vivida e compreendida em narrativa histórica, recriando, transpondo e infundindo nesta (narrativa) o que quer que tenham compreendido como verdade daquela (realidade).

2

O primeiro passo de Tucídides que pode ser lido sob a perspectiva proposta sinaliza uma plethora de questões fundamentais para a compreensão de seus modos de escrita. No parágrafo 1.22, como subtexto de uma metodologia de pesquisa com base na qual o autor teria podido construir a própria narrativa da Guerra do Peloponeso, pode ser lido igualmente um esboço das principais competências inerentes também a um combatente sagaz:

Quanto pronunciou cada um que estava na iminência de combater ou já nela engajado, foi-me difícil recordar a *exatidão mesma (akribeian autén)* do que foi dito e que eu mesmo ouvi, ou quando me foi reportado por terceiros.

¹⁰ EAGLETON. *The Event of Literature*, p. 106-166.

¹¹ Cf. ROOD. *Thucydides: Narrative and explanation*; ROOD. *Polybius*; ROOD. *Thucydides*; MILTSIOS. *The Shaping of Narrative in Polybius*; LONGLEY. *Thucydides, Polybius, and Human Nature*.

Tal qual me pareceu próprio do que cada um tenha falado em cada circunstância, a mim que me mantinha *o mais próximo* (*hóti eggýtata*) do conteúdo global do que foi realmente proferido, assim está dito. Decidi relatar as ações praticadas na guerra não porque me informasse junto a qualquer um, nem como bem me parecessem, mas *examinando* (*epeksesthón*) uma a uma, em toda *precisão* (*akribéiai*) possível, aquelas às quais eu mesmo *estive presente* (*parên*) e as que soube de terceiros. Descobrir é *difícil* (*epipónos*), porque cada um dos presentes às ações não diziam o mesmo sobre elas, mas conforme simpatizava com cada parte ou recordava. Talvez o caráter não mítico delas se mostre pouco agradável à audiência; mas quantos desejarem examinar o que do passado é evidente e que há de ser igual ou semelhante no futuro, segundo a humanidade, isso bastará para distinguir a obra como útil. Ela foi composta como aquisição perene, mais do que como declamação de circunstância.¹²

Os termos destacados evidenciam qualidades imprescindíveis tanto no campo de batalha quanto para a escrita da história. Semelhante especificação pode ser lida também no denominado “segundo proêmio” da obra, um dos raros passos em que o narrador trata de si mesmo em primeira pessoa discutindo as próprias competências:

Estou sempre *lembrado* (*mémnemai*) de que, desde o início da guerra até o momento em que terminou, muitos diziam que ela deveria durar três vezes nove anos. Vivi-a toda em idade de *plena posse de minhas faculdades* (*aisthanómenos*) e podendo *aplicar meu entendimento* (*proséchon tèn gnómen*) a *saber* (*eísomai*) qualquer coisa *precisamente* (*akribés*). Ocorreu-me ser exilado de minha pátria por vinte anos após a estratégia respeitante a Anfípolis; e, tendo-me imiscuído nos assuntos de ambos os lados e não menos nos dos peloponésios devido ao exílio, *compreendê-los* (*aisthésthai*) ainda mais com calma.¹³

¹² THUCYDIDIS. *Historiae*, 1.22, grifos nossos. Todas as traduções foram feitas pelo autor com base nas edições Oxford (THUCYDIDIS. *Historiae*) e Teubner (POLYBIUS. *Historiae*).

¹³ THUCYDIDIS. *Historiae*, 5.4-5, grifos nossos.

O próximo passo que também enfeixa considerações de análogo teor encontra-se no sexto livro, na “digressão sobre os tiranicidas”:

A ousadia de Harmódio e Aristogitão foi empreendida em razão de um incidente amoroso, o qual, relatando-o *detalhadamente* (*epi pléon*), evidenciarei que nem os atenienses, nem os demais gregos nada dizem *com precisão* (*akribés*) sobre esse fato nem sobre seus respectivos tiranos.¹⁴

À questão da precisão vem se somar, nessa passagem, o problema adicional da minúcia, imprescindível tanto à narrativa como ao observador atento. No âmbito da mesma digressão, pouco mais abaixo, Tucídides também assinala que “Hípias governou na qualidade de mais velho: asseguro-o porque *sei* (*eidòs*) *com mais precisão* (*akribésteron*) que os demais também por via de tradições orais”.¹⁵

Esse elenco de faculdades intelectuais, em que se destacam as tônicas da precisão e da consciência alerta pode ser resumido por uma competência atribuída superlativamente uma única vez a um dos expoentes de perícia político-militar ateniense, Temístocles, qualificado em um discurso dos atenienses como “estratego *sagacíssimo* (*ksynetótaton*)”,¹⁶ tão hábil na ação quanto na fala, dolosas ou não.¹⁷ Em sua própria apreciação do comandante, Tucídides não economiza nos qualificativos, algo que jamais faz no restante da narrativa:

Temístocles demonstrou o mais sólido valor natural, e é digno, mais do que qualquer outro, de uma admiração excepcional. Por sua *sagacidade* (*ksynései*) própria, à qual nem o estudo nem o aprendizado nada acrescentaram, era quem melhor ajuizava sobre questões imediatas com mais breve ponderação, e quem excelia em conjecturar mais longe quando se tratava das futuras. Tudo aquilo de que se encarregava era capaz de explicar; mesmo sobre o que não tinha experiência, nem por isso deixava de emitir juízos certos; e quando prós e contras ainda eram obscuros, podia prevêê-los do melhor modo. Em síntese: pela potência

¹⁴ THUCYDIDIS. *Historiae*, 6.54.1, grifos nossos.

¹⁵ THUCYDIDIS. *Historiae*, 6.55.1.

¹⁶ THUCYDIDIS. *Historiae*, 1.74.1.

¹⁷ Cf. THUCYDIDIS. *Historiae*, 1.93.

de sua natureza e pelo pouco empenho de que necessitava, era o mais capaz de improvisar o que fosse necessário.¹⁸

O adjetivo *ksynetós* provém de (*k*)*sýnesis*, literalmente *compenetração*, ou capacidade de apreender muitas coisas instantânea e concomitantemente, podendo então agir de modo análogo. A caracterização de Temístocles que Tucídides constrói implica habilidades exímias tanto no agir quanto no pensar e no falar, habilidades análogas às de um historiador no ato de ajuizar os informes de que dispõe e, assim, reconstruir o passado: ajuizar, poderar, conjecturar, explicar, prever, improvisar. Outro detalhe, entretanto, contribui para reforçar a importância da leitura cruzada de tais passos de Tucídides para com a presente reflexão sobre as porosidades entre historiografia e ficção: Temístocles faleceu aproximadamente à mesma época em que Tucídides nascia. Ou seja: forçosamente o historiador teve de inferir, isto é, (*re*) *imaginar*, a partir dos informes orais ou materiais de que dispunha, e a partir das realizações político-militares do estrategista, quais seriam suas habilidades e de qual envergadura. Tucídides, em uma palavra, *constrói* uma imagem de Temístocles mesmo sem tê-lo conhecido, o que não o impede de julgá-lo – muito ao contrário.

A capacidade de identificar, coordenar e reconstruir as competências inerentes a um comandante não significou nem para Tucídides, nem para Políbio, fator determinante em suas próprias trajetórias de combatentes: a despeito de tamanha panóplia intelectual ambos fracassaram. Foi por meio da construção da narrativa, e não da ação direta, que ambos se fizeram conhecidos enquanto capazes de mobilizar todas essas competências. De Tucídides a Políbio, a despeito da mudança nos termos configuradores, o campo semântico a que tais competências se referem permanece o mesmo.

3

Desenvolvendo uma proposta historiográfica em muitos pontos semelhante à de Tucídides, Políbio é ainda mais explícito ao assinalar, já no primeiro parágrafo da obra, o entrelaçamento de ambas as competências, a do narrador e a do agente político:

¹⁸ THUCYDIDIS. *Historiae*, 1.138.3-4, grifos nossos.

Se os que relataram feitos antes de nós houvessem deixado de elogiar a própria história, talvez fosse preciso encorajar todos a aceitar e a apreciar tais obras, pois os homens não dispõem de *corretivo* (*dióρθosin*) mais à mão do que a ciência dos fatos passados. Mas como não só alguns, nem de modo restrito, mas todos, por assim dizer, fizeram disso princípio e fim, afirmando que o conhecimento da história é a *educação* (*paideían*) e o *treinamento* (*gymnasían*) mais verdadeiros para a prática política; e que a recordação das peripécias alheias é *mestra* (*didáskalon*) única e a mais eficaz para se poder suportar nobremente as oscilações do acaso [...].¹⁹

Mais significativamente do que o enquadramento da reflexão narrativa nos parâmetros do regime da *historia magistra uitae*, o proêmio de Políbio explicita algo que reverberará por toda a narrativa subsequente: a impossibilidade de desconexão entre aprendizado da história e vivência, bem como entre aprendizado por experiência própria e consulta a relatos de cunho histórico. Ou, por outras palavras: como elemento subjacente inerente à proposta de redigir uma história pragmática encontra-se a colaboração permanente entre vida e obra, diálogo este fundamental para a consecução de ambas, como exemplificado em um passo a que se tem dedicado pouca atenção:

a todos os homens são facultados dois modos de aprimorar-se: um, por meio dos próprios fracassos, outro, pelos alheios. O que deriva dos próprios revezes é mais vivaz, e menos danoso o que deriva dos alheios. Por isso jamais o primeiro deve ser voluntariamente escolhido, pois aperfeiçoa com muitas penas e perigos, mas deve-se almejar sempre o outro, pois nele é possível distinguir sem prejuízo a melhor opção. Quem o fizer deve tomar por educação excelente para uma vida verdadeira o conhecimento fornecido pela história pragmática, a única que forma sem danos juízes competentes para qualquer situação e circunstância.²⁰

¹⁹ POLYBIUS. *Historiae*, 1.1.1-2, grifos nossos.

²⁰ POLYBIUS. *Historiae*, 1.35.7-10.

No livro seguinte, e de modo análogo, novamente o historiador explora outro viés desse mesmo pensamento. A crítica incisiva contra o historiador Filarco²¹ destaca precisamente o problema das implicações da narrativa historiográfica para a vida dos leitores, e não apenas seus problemas propriamente literários e/ou metodológicos:

empenhado em despertar piedade nos leitores e fazê-los compadecer-se dos fatos narrados, introduz abraços de mulheres, cabelos desalinhados e exposição de seios, que se somam a lágrimas e lamentos de homens e mulheres junto aos filhos e pais velhos subtraídos. Faz isso ao longo de toda a história, tentando a todo momento por sob os olhos do leitor o que é terrível. Deixe-se de lado a vulgaridade e feminilidade de sua opção: é preciso examinar o que é próprio da história e útil. O escritor não deve impressionar os leitores com exageros espalhados ao longo da história, nem forjar discursos ou acrescentar seqüências aos relatos, como os tragediógrafos, mas apenas recordar o que se disse ou fez, conforme a verdade, ainda que muito triviais. A finalidade da história não é a mesma da tragédia, mas oposta. Esta precisa emocionar e seduzir os leitores em um só momento por meio de discursos os mais convincentes; aquela, ensinar e persuadir os estudiosos de qualquer época com fatos e discursos verdadeiros. Muito embora na primeira predomine o plausível, ainda que falso, devido à ilusão dos espectadores, a segunda prima pelo verdadeiro em proveito dos estudiosos. Além disso, ele narra muitas peripécias deixando de sugerir as causas ou modos dos acontecimentos, sem os quais não é possível que nos compadeçamos racionalmente nem que nos encolerizemos convenientemente com nenhum dos acontecimentos.²²

Mais do que uma comparação entre gêneros literários, o cotejo entre historiografia e tragédia pressupõe dois modos não necessariamente intercambiáveis de pensar e viver, além de suas respectivas e forçadas

²¹ Natural de Atenas, Náucratis ou Sicião, escreveu uma *História* em 28 livros que abrangiam o período de 272 a.C. (invasão do Peloponeso por Pirro) a 220/19 a.C. (morte de Cleômenes).

²² POLYBIUS. *Historiae*, 2.56.7-13.

consequências. No passo conhecido como “segundo proêmio”, Políbio volta a identificar o mesmo problema, agora relativo a si próprio, à duração de sua própria existência e à necessidade de levar a cabo a ingente tarefa de concluir seu projeto:

esse é o nosso plano, que requer ainda auxílio do acaso, a fim de que eu tenha vida para levar a proposta a termo. Estou convencido de que, mesmo se qualquer contingência humana nos ocorrer, o projeto não ficará inconcluso nem carecerá de homens à sua altura, pois por sua beleza muitos dele se encarregarão e ansiarão levá-lo a termo.²³

No livro 9, quando justifica a opção por escrever uma história pragmática, Políbio conclui o raciocínio com a seguinte observação:

escolhemos o gênero pragmático primeiramente porque renova-se continuamente e necessita sempre de nova exposição, pois não fora possível aos antigos anunciarnos ações vindouras; em segundo lugar porque é o mais proveitoso de todos, tanto no passado quanto sobretudo em nossa época, quando alcançam tamanho progresso as ciências e as técnicas que os amantes do aprendizado podem estudar detalhadamente qualquer coisa que tenha ocorrido em qualquer período. Por isso não tanto visando o prazer de futuros leitores quanto o proveito daqueles que meditam, nos concentramos nesse gênero, tendo deixado de lado os demais.²⁴

A opção do historiador pelo gênero deriva de uma preocupação essencialmente prática, qual seja, a possibilidade de este gênero contemplar continuamente as transformações decorrentes da passagem do tempo e, à mesma medida, condicionar percepções e ações de futuros leitores. Por outras palavras, história e vida se imbricariam apenas no gênero pragmático daquela. A observação se torna ainda mais incisiva quando o historiador aponta como modelo hipotético para seu próprio método de escrita a figura de Odisseu, personagem mítica tomada como histórica e caracterizada como comandante e, ao mesmo tempo, historiador ideal:

²³ POLYBIUS. *Historiae*, 3.5.7-8.

²⁴ POLYBIUS. *Historiae*, 9.2.4-6.

também se deveria louvar o poeta por apresentar Odisseu, o comandante por excelência, observando os astros não só quando navega, mas também quando age em terra firme;²⁵

ainda mais enfaticamente que eles [*scil.* outros historiadores] o poeta tratou da questão. Desejando mostrar-nos como deve ser o homem pragmático, apresenta a personagem de Odisseu e diz mais ou menos assim:

narra-me o homem, Musa, versátil, que
muito vagou,
e em seguida
de muitos homens viu as praças e conheceu o juízo,
e no mar muitas dores sofreu no peito,
e ainda
cruzando as dolorosas vagas e as guerras dos homens.
Penso que a dignidade da história reclama um homem assim.²⁶

Esse breve arrolamento de passos-chave possui, acima de tudo, algo como uma linha vermelha que os atravessa a todos: são passos teóricos, que enunciam pressupostos apreciados pelo historiador e discutidos insistentemente ao longo de toda a narrativa. Ao lado de tais passos, porém, há também paradigmas que efetivamente demonstram como Políbio teria alçado ao plano prático aquilo que teorizou na obra, assim dando concretude ao que se encontrava apenas em potência no passo do “segundo proêmio”. Três exemplos desse procedimento são notórios: o primeiro se encontra na digressão sobre o momento em que travou conhecimento com Cipião Emiliano e o modo com que doravante o teria acolhido como pupilo e educado nos valores da tradição aristocrática grega.²⁷ Interessante nessa digressão é que, de saída, o historiador aponta com precisão sua finalidade: “para benefício dos apreciadores da leitura (*tôn philekóon héneka*)”²⁸

Após insistir em que a função de um historiador é a de falar com total liberdade (*parrhesía*) fazendo caso tão somente da verdade (*alétheia*) a despeito de quem quer que seja objeto de seu discurso, pouco

²⁵ POLYBIUS. *Historiae*, 9.16.1.

²⁶ POLYBIUS. *Historiae*, 12.27.10-11.

²⁷ POLYBIUS. *Historiae*, 31.23-30.

²⁸ POLYBIUS. *Historiae*, 31.23.1.

importando se agentes coetâneos e contemporâneos ou não, Políbio arremata o raciocínio:

em tempos difíceis convém que gregos auxiliem gregos de todo modo, ora defendendo-os, ora ocultando-os, ora aplacando a cólera dos poderosos. O que fizemos verdadeiramente nessas circunstâncias. Mas a transmissão dos feitos passados à posteridade por meio de obras históricas deve se manter livre de toda mentira, uma vez que seu objetivo não é o de agradar os leitores no momento da leitura, mas o de corrigir as almas para que não mais incidam nos mesmos erros com frequência.²⁹

O corte operado entre ação política orientada para benefício direto dos gregos e escrita da história para benefício geral é nítido, como em todo o restante da obra. O ponto central, entretanto, está na segunda frase: Políbio não se atém apenas ao plano teórico do enunciado, como afirma ter passado ele próprio à prática quando necessário, isto é, exercendo a função de mediador em favor dos gregos junto aos romanos, algo que teria explicitado no livro seguinte, que nos chegou em estado bastante fragmentário. Conhecemos o episódio mediante uma notícia de Plutarco incorporada aos fragmentos do livro 39 de Políbio. Após a destruição de Corinto (146 a.C.) os romanos decidem abater também as estátuas de Filopêmen, então percebido como antigo inimigo, e Políbio teria intercedido. Relata Plutarco que “após muitos discursos e de Políbio ter se pronunciado contra o caluniador, nem Múmio nem os embaixadores permitiram que fossem destruídas as honras concedidas a um homem ilustre”.³⁰

Com este último exemplo podemos ver Políbio de fato em ação, agindo precisamente em linha com o que enunciara no livro anterior, ainda que por meio do relato indireto de Plutarco. A despeito disso, um ponto permanece claro: a mesma competência demonstrada no campo político é também empregada para a escrita da história. E, como também visto no caso de Tucídides, tais habilidades político-militares não foram suficientes para definir Políbio como um vencedor, senão talvez no campo

²⁹ POLYBIUS. *Historiae*, 38.4.4-8.

³⁰ POLYBIUS. *Historiae*, 39.3.3 = PLUTARCO. *Vida de Filopêmen*, 21.

diplomático, e mesmo assim com alto custo.³¹ Diferentemente, porém, foram, sim, garantias para a manutenção de seu papel de intermediador entre gregos e romanos – ao menos depois do fim dos anos de cativo e, principalmente, da amizade com Cipião Emiliano.

4

Precisamente o *modo* como cada historiador entrelaçou vivência político-militar e escrita da história pode caracterizar como que um “objeto transicional”,³² que irmana história e ficção em sua condição de respostas poéticas à aporia do tempo.³³ Tal modo de reconstrução narrativa de acontecimentos passados, porque “resposta oblíqua a uma certa configuração do real”,³⁴ é o elemento-chave que define a postura do ex-combatente historiador – uma *criação* que preenche o vazio do fracasso.

Tucídides tem por problema central a busca da verdade (*he zétesis tês aletheias*)³⁵ inseparável de sua habilidade ajuizante.³⁶ Políbio, por sua vez, insiste na mesma habilidade como pilar central da escrita da

³¹ Sobre o viés diplomático da narrativa de Políbio sobretudo na segunda metade da obra (*i.e.*, livros 21-39), que concentra eventos em que o historiador tomou parte, cf. THORNTON. Polybius in Context: the Political Dimension of the *Histories*, p. 213-214.

³² LIMA. *História. Ficção. Literatura*, p. 289.

³³ SOARES. *História e ficção em Paul Ricoeur e Tucídides*, p. 224-312.

³⁴ LIMA. *História. Ficção. Literatura*, p. 119. Pouco acima, à mesma página, o autor escreve: “à medida que o ficcional se liberta, e nunca o será de todo, dos mecanismos de controle, e nunca pretende dizer a verdade do que foi, seu critério de apreciação fundamental concerne à sua construção verbal. Mas o acerto de princípio das duas abordagens apresenta riscos também imediatos: para a escrita da história, o descaso da construção verbal a que é correlato o elogio do estilo como uma prenda extra. Não se trata de que assim se desconsidera a dimensão estética da historiografia (!), mas sim de que, tomando a linguagem como mera transparência para o registro de conteúdos, o analista da historiografia ou o próprio historiógrafo não se preparam para perceber como a composição dos eventos e a função assegurada a instituições e planos de análise (econômica, política, sócio-psicológica etc.) afetam a própria constituição do objeto historiográfico”.

³⁵ THUCYDIDIS. *Historiae*, 1.20.3. Sobre o problema da verdade como ânsia por um mundo estável – o que não é o caso nem de Tucídides, nem de Riobaldo – cf. LIMA. *História. Ficção. Literatura*, p. 242.

³⁶ THUCYDIDIS. *Historiae*, 1.22.

história.³⁷ Se em 1.22 Tucídides é explícito ao ressaltar a dificuldade com que pode apreender e ajuizar diferentes relatos,³⁸ Políbio, por sua vez, explicita uma possibilidade de se proceder à escrita da história e dela aprender:

próprio da história é conhecer em primeiro lugar os discursos que foram realmente pronunciados tais quais o tenham sido; em segundo lugar, procurar saber a razão porque o feito ou dito foi ou não bem sucedido, uma vez que o acontecimento em si, narrado de forma sumária, fascina, mas não tem qualquer utilidade, enquanto que, acrescentada a causa, o uso da história se torna frutífero. Se circunstâncias similares forem transpostas (*metapheroménon*) para ocasiões apropriadas, surgem meios e antecipações para se prever o futuro e enfrentar com mais confiança o que sobrevier, ora tomando-se precauções, ora imitando o passado.³⁹

[...] é preciso sempre escolher discursos adequados e oportunos. Uma vez que não há um uso estabelecido que determine quantos e quais, dentre os discursos possíveis, devam ser empregados, é preciso empenho e regras bem diversos se a meta for ser útil aos leitores e não lesá-los. É difícil enunciar o momento oportuno em cada ocasião, mas não é impossível ter uma ideia dele por meio dos princípios derivados da experiência pessoal e da prática. Quanto ao problema em questão, sobretudo o que segue dá margem a reflexão sobre o que estou dizendo: se os historiadores, ao expor ocasiões, inclinações e disposições de quem delibera e, em seguida, os discursos realmente pronunciados, nos explicassem as causas pelas quais os oradores foram ou não bem sucedidos, teríamos uma noção verdadeira do

³⁷ E.g., POLYBIUS. *Historiae*, 1.14.6-9, 16.14.6-10, 16.17.10-11.

³⁸ Quando escreve que *epipónos dê heurísketo* (THUCYDIDIS. *Historiae*, 1.22.3); e quando atribui a Péricles análoga constatação no proêmio do *Epitáfio: khalepòn gàr tò metríos eipeîn en hô mólis kai he dókesis tês aletheías bebaióutai* (THUCYDIDIS. *Historiae*, 2.35.2), o historiador ateniense acentua apenas as dificuldades inerentes à reconstrução discursiva, não as soluções com que eventualmente as suplantou (PIRES. *The Rhetoric of Method: Thucydides I.22 and II.35*).

³⁹ POLYBIUS. *Historiae*, 12.25b.1-3.

ocorrido e poderíamos alcançar nossos objetivos operando distinções ou transpondo (*metaphérontes*) a dita noção para circunstâncias semelhantes.⁴⁰

Nesses dois passos-chave Políbio evidencia o que, em outro trabalho, defini como mediação ou transferência reconstrutiva.⁴¹ O ponto central dos juízos de ambos os historiadores é o fato de que enformam um problema maior, o da mimese inerente à escrita da história. Mimese é ora pensada estritamente de acordo com a primeira das definições propostas por M. Soares, a que engloba, além da ficção, também a historiografia:

[a]o falarmos de *mimesis*, temos de tomar duas precauções, relativamente à tradução e significado do conceito: em primeiro lugar, se traduzimos *mimesis* por imitação, não falamos de um decalque de um real existente, mas antes de uma imitação criativa; em segundo, se traduzimos *mimesis* por representação, não falamos de duplicação de presença, à guisa da *mimesis* platônica, mas antes do corte que abre o espaço de ficção.⁴²

O historiador experimentado e hábil não se limita a afiançar o informe alheio, seja ele oral ou escrito, mas submete-o ao crivo da mesma argúcia necessária tanto ao trato cotidiano como à narrativa cuja

⁴⁰ POLYBIUS. *Historiae*, 12.25i.6-8.

⁴¹ SEBASTIANI, B. B. La storia come mezzo: l’Odisseo mediatore di Polibio: o sentido então atribuído a *metaphéreïn* pode ser dito reconstrutivo em acepção rigorosamente pragmática e de modo algum paradoxal: transferir agora significa construir pontes entre reflexão e ação, fecundando uma com a outra continuamente, tornando o agir uma reflexão vivida e o pensar ação meditada. Examinando o núcleo para onde convergem os procedimentos narrativos que enunciam a dialética entre história e ficção, SOARES. *Tempo, mythos e praxis: o diálogo entre Ricoeur, Agostinho e Aristóteles*, p. 247, anota: “a metáfora, traço específico da narrativa de ficção, é uma primeira modalidade a auxiliar a refiguração do tempo pela história”.

⁴² SOARES. *Tempo, mythos e praxis: o diálogo entre Ricoeur, Agostinho e Aristóteles*, p. 180. Cf. também especialmente LIMA. *História. Ficção. Literatura*, p. 207: “[a] mímesis ancora a obra no mundo. [...] A mímesis procura o subsolo”; p. 211 “[à] diferença da mímesis, na ficção tematiza-se o ato da imaginação produtora e não a sua articulação com uma certa comunidade ou sociedade humana. Toda ficção supõe uma mímesis em ação, ainda quando, de imediato, seja impossível reconhecê-la” (grifos do autor) e p. 385, em que o autor retoma nominalmente P. Ricoeur.

meta é *recriar*-lhe a vivacidade. Tal preocupação, por sua vez, se ancora no pressuposto basilar de uma concepção de história ou historiografia como *magistra uitae*: a ideia de que a narrativa historiográfica forneceria paradigmas de conduta a imitar ou a evitar. Se, quanto aos historiadores antigos, é possível postular que assim entrevissem uma das finalidades das próprias obras, para o crítico contemporâneo a ideia pode soar ingênuo, ao menos em sua acepção rasteira, a de que a narrativa da história forneceria padrões de repetição.

Entretanto o *ktêma* tucidideano, o *metaphérein* polibiano e a mimese há pouco referida podem contribuir para com estudos contemporâneos sobre a narrativa historiográfica se pensado por um outro viés: o da escrita da história não como suporte para padrões supostamente cíclicos e/ou repetitivos, mas como *modo* de instrução, ou treinamento, da percepção do leitor. Encará-los assim se coaduna, por exemplo, com o que afirma Políbio logo às primeiras linhas do próêmio de sua narrativa:

Os homens não dispõem de corretivo mais à mão do que a ciência (*epistêmes*) dos fatos passados [...] O conhecimento da história é a educação (*paideian*) e o treinamento (*gymnasian*) mais verdadeiros para a prática política; e a recordação das peripécias alheias é mestra (*didaskalon*) única e a mais eficaz para se poder suportar nobremente as oscilações do acaso.⁴³

Os termos destacados remetem claramente à dimensão epistemológica da historiografia. Mais do que isso, porém, destacam seu papel formador e perfeitamente integrado à vida política, na qual semelhanças podem ser encontradas, mas jamais repetições. A atividade criadora dos ex-combatentes se desdobra em exame eajuizamento propriamente historiográficos. Assim, o que ambos – e não apenas Políbio – apresentam são propostas de refinamento do olhar, de reeducação da percepção, antes que simples técnicas para alcance e manutenção do poder. Por outras palavras, cada historiador propõe não necessariamente fatos, mas *modos* ou *modelos heurísticos* para se compreender a realidade. Ou, se se preferir, para se compreender o fracasso e *construir* algo que o preencha, assim unificando-se vida e pensamento. Enquanto mediadora de possibilidades, a historiografia partilha com a ficção uma

⁴³ POLYBIUS. *Historiae*, 1.1.1-2.

mesma característica, a de se inscrever no real como *outro* do real, que ambas recriam por via de emulação e como exercício permanente de compreensão.

Referências

EAGLETON, T. *The Event of Literature*. New Haven; London: Yale University Press, 2012.

GIBSON, B.; HARRISON, T. (Ed.). *Polybius and His World: Essays in Memory of F. W. Walbank*. Oxford: OUP, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199608409.001.0001>.

LEE, C.; MORLEY, N. (Ed.). *A Handbook to the Reception of Thucydides*. Malden; Oxford; Chichester: Wiley & Blackwell, 2015.

LIMA, L. C. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

LONGLEY, G. Thucydides, Polybius, and Human Nature. In: SMITH, C; YARROW, L. M. (Org.). *Imperialism, Cultural Politics, and Polybius*. Oxford: OUP, 2012. p. 68-84. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199600755.003.0005>.

MILTSIOS, N. *The Shaping of Narrative in Polybius*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110330298>.

NICOLAZZI, F. A história entre tempos: François Hartog e a conjuntura historiográfica contemporânea. *História: questões & debates*, Curitiba, n. 53, p. 229-257, 2010.

PIRES, F. M. The Rhetoric of Method: Thucydides I.22 and II.35. *The Ancient History Bulletin*, Northfield, v. 12, p. 106-112, 1998.

POLYBIUS. *Historiae*. Ed. Th. Büttner-Wobst. reimpr. Lipsiae: Teubner, 1967-1995. 5 v.

ROOD, T. Polybius. In: DE JONG, I.; NÜNLIST, R.; BOWIE, A. (Ed.). *Narrators, Narratees, and Narratives in Ancient Greek Literature: Studies in Ancient Greek Narrative*. Leiden; Boston: Brill, 2004a. v. 1, p. 147-164. DOI: https://doi.org/10.1163/9789047405702_012.

ROOD, T. Thucydides. In: DE JONG, I.; NÜNLIST, R; BOWIE, A. (Ed.). *Narrators, Narratees, and Narratives in Ancient Greek Literature: Studies in Ancient Greek Narrative*. Leiden; Boston: Brill, 2004b. v. 1, p. 115-128. DOI: https://doi.org/10.1163/9789047405702_010.

ROOD, T. *Thucydides: Narrative and explanation*. Oxford: OUP, 1998.

SEBASTIANI, B. B. La storia come mezzo: l'Odisseo mediatore di Polibio. *Erga-Logoi*, Milano, v. 3.2, p. 123-148, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.7358/erga-2015-002-batt>.

SOARES, M. T. M. *História e ficção em Paul Ricoeur e Tucídides*. Coimbra, s/n, 2017. DOI: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1296-6>.

SOARES, M. T. M. *Tempo, mythos e praxis: o diálogo entre Ricoeur, Agostinho e Aristóteles*. Porto: Fund. Eng. A. de Almeida, 2013.

THORNTON, J. Polybius in Context: the Political Dimension of the *Histories*. In: GIBSON, B.; HARRISON, T. (Ed.). *Polybius and His World: Essays in Memory of F. W. Walbank*. Oxford: OUP, 2013, p. 213-229. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199608409.003.0011>.

THUCYDIDIS. *Historiae*. Oxford: Clarendon Press, 1967-1970. 2 v.

Recebido em: 23 de novembro de 2016.

Aprovado em: 2 de junho de 2017.